

A HERENÇA DO PATRIARCADO: Complexos desafios às novas gerações e a educação

Ana Clara Araújo Teixeira¹
Júlia Cristina Santos Queiroz²
Welson Barbosa Santos³

Eixo 6: Saberes, diversidade e multiculturalismo - Relações entre ensino de Ciências e temas transversais; Ensino de Ciências e educação especial; Gênero e Sexualidade; Educação indígena; Educação quilombola; Educação popular, educação do campo e de demais grupos sociais específicos.

RESUMO:

Nesse artigo, exploramos a influência do patriarcado na formação de identidades no contexto familiar e educacional. O patriarcado é descrito como um sistema social que perpétua a dominação masculina, influenciando desde a formação dos papéis de gênero até a estrutura familiar e as relações dentro da escola. A figura paterna é central nesta análise. O patriarcado molda as relações sociais, disciplinando homens e mulheres em papéis específicos. Este sistema protege e absolve certas atitudes masculinas, influenciando a identidade de filhos e a formação de futuros professores. A pesquisa baseia-se em conceitos da psicologia freudiana, estudos culturais e análise do discurso. Além disso, as memórias pessoais são usadas como ferramenta de investigação para entender as experiências culturais e a formação das identidades.

PALAVRAS CHAVES: Patriarcado; Família; Docente; Educação.

INTRODUÇÃO

Eu tinha 3 anos quando meu pai foi embora, tinha outra mulher em Manaus e nunca voltou. Meu irmão tinha 15 anos e entrou no mundo das drogas, e minha irmã de 17 anos engravidou. Cresci com meus avós, minha mãe trabalhava para sustentar a gente. A visão paterna que tive foi meu avô, que sempre fez de tudo para mim. Com 14 anos, meu pai apareceu e, de início,

1

¹Licencianda em Ciências Biológicas, Universidade Federal de Uberlândia, ana.ateixeira1@ufu.br

²Licencianda em Ciências Biológicas, Universidade Federal de Uberlândia, juliaqueiroz1@ufu.br

³Doutor em educação, professor adjunto da Universidade Federal de Uberlândia, welson.santos@ufu.br

não queria ter esse contato. Ele veio à casa da minha avó e veio me dar um beijo na boca em forma de carinho e um abraço apertado. Isso ficou na minha cabeça por dias, a reação dele em me ver e a liberdade que talvez ele tenha achado que tivesse comigo. Naqueles dias, lembrei-me de momentos da minha infância, meu medo de homens na minha família. Eles sempre me encaravam ou ficavam me vigiando, justificando ser eu uma criança custosa. Será que eu fui mesmo uma criança custosa? O que me causou esse estranhamento com a figura masculina veio da ausência de meu pai? Qual o papel da aproximação entre pais e filhas mulheres? Estudando a matéria de sexualidade e gênero, eu comecei a entender um pouco sobre isso, sobre essa visão que os pais podem ter e seu papel com os filhos. Mas ainda me pergunto: o que mais meu pai deixou marcado em mim por ter ido embora tão cedo? (Participante 1)

O patriarcado venceu o tempo, permitiu novos desenhos, permaneceu firme nas estruturas sociais e da família, até mesmo alguns modos como a escola opera contribui para isso. Assim, tomamos aqui o pequeno fragmento em forma de questionamento: “Qual o papel da aproximação entre pais e filhas mulheres?” de um recorte que nos descreve um pouco da personalidade de uma filha, criada por um avô e avó, em que a ruptura de relação física e afetiva paterna ocorreu muito cedo. Mas a que nos referênciamos tal fragmento de fala escrita? Qual é o nosso desafio numa discussão que tem como papel pensar o processo de formação de professores? Daí, já buscando responder, afirmamos que ser um educador passa por um lugar contínuo de reflexão de quem sou, do que passarei de conceitos e de minha subjetividade aos meus alunos. Isso porque, sustentado em Santos et al. (2018), não somos só educadores, ou não ensinamos só nosso conteúdo disciplinar, em sala de aula nossos corpos falam, nossas subjetividades são parte de nós a estar na vida de nossos alunos, logo, entender quem somos e por que somos pode nos ajudar a ser educadores mais autênticos.

Tardif (2002), Shulman (1986) e Perrenoud (2000) são unânimes em nos dizer que a formação docente ocorreu desde muito cedo, alicerçada no que vivemos e na estrutura antes da graduação. O perfil do educador procede e decorre de aprendizados que são adquiridos ao longo da vida. São eles que nos darão um desenho e subjetividade. Por ser assim, no processo de formação inicial, é valoroso poder trabalhar memórias, percebê-las como moldam e deixam marcas, contribui no conhecer melhor quem somos e como tais marcas podem constituir-me educador.

Feito essas delimitações e direcionamentos, afirmamos que este texto parte de alguns conceitos comuns da sociologia, como patriarcado, feminismo, direitos de igualdade de gênero, dentre outros, tendo como desafio agregar ao debate que envolve o papel do pai, sujeito do sexo masculino,

na relação familiar do século XXI e sua influência em identidades. Mas quem é essa figura masculina com papel de pai na família e como podemos descrevê-lo?

Buscando esse entendimento a partir dos estudos da psicanálise de Freud (2006), um primeiro passo a se dar é considerar que suas analogias e escritos vêm de um contexto histórico em que havia o controle pela força do pai dentro do núcleo familiar. Portanto, existia uma correspondência entre subjetivação e ação concreta de representação da figura paterna.

Outra questão pertinente diz respeito a que importância esse debate tem para a formação de professores no nosso tempo. A questão é que vivemos tempos em que muitos novos sentidos estão sendo entendido no que chamamos de família. A contribuição pai e mãe, homem mulher tem sido redesenhada. Há com frequência crianças criadas filhas de duas mães, dois pais, só uma mãe ou só um pai. Abrir debates sobre o patriarcado, a forma como esteve e está presente nas relações e família, melhor poder entender o papel da figura masculina na família que o tem, é ferramenta importante para um futuro docente saber se portar ante as demandas de uma sociedade cada vez mais multifacetada. Nisso, entendemos que cabe ao educador, não se limitar somente a um desenho ou ao modelo tradicional patriarcal de família.

METODOLOGIA

Metodologicamente, a estruturação do debate parte de conceitos e pesquisa bibliografia que tem na psicanálise freudiana e nos estudos culturais suas referenciais. Mas é na análise do discurso que nos ancoramos. Isso porque o trabalho parte de experiências vividas em disciplinas de graduação de uma licenciatura, cujo trabalho envolve a escrita de memoriais como processo avaliativo. Quando consideramos o desafio de escrita de si, nos remetemos à questão da forma como usamos essa escrita e a expressão que ela nos permite fazer no exercício da nossa própria memória.

Ellis (2004, p. 12) nos sinaliza que este exercício da memória é uma ferramenta importante e pode “[...] ser usado na investigação e na escrita, já que tem como proposta descrever e analisar sistematicamente a experiência pessoal, a fim de compreender a experiência cultural”. Referimo-nos, portanto, a uma memória que, mesmo estando opaca ou nebulosa, encontra-se armazenada em nossas identidades e histórias de vida que nos permitem entendimento, ao revisitarmos os contextos culturais em que vivemos.

Ao nos desafiarmos em um trabalho no campo das identidades, centrado na perspectiva educacional, o desafio é uma escrita que “produza no leitor a empatia, a vibração, a inquietação.” (FISCHER, 2021, p. 3). Mas, se parece um desafio complexo demais, a autora propõe a valorização e a centralidade dos processos criativos, nas diversas configurações que a memória permite construir. Nesse movimento, a autora nos chama a atenção para considerarmos as mínimas nuances de nossas lembranças, a fim de permitir surgir um sentido, olhares sensíveis e demorados, que envolvem nossas histórias. Inspirados no autor, o empreito é enlaçar teoria, prática e vida.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Referente à hipótese da função paterna, Freud (2006) propõe que a aproximação psíquica de uma criança com as figuras parentais e a organização dessas relações estejam ligadas ao Complexo de Édipo¹. Esse processo influencia a assimilação e construção pessoal dos objetos ao redor da criança, impactando suas primeiras relações sociais e a maneira como ela se relaciona com o mundo. Esse entendimento é crucial para delinear traços da identidade de um professor. Por exemplo, o fragmento *"Eu tinha 3 anos quando meu pai foi embora"* indica que a ausência paterna pode causar rupturas na identidade e nas relações com o sexo oposto. Ainda, no recorte, *"Ele veio na casa da minha avó"* somado *"a reação dele em me ver e a liberdade que talvez ele tenha achado que tivesse comigo"* ilustram a falta de vínculo e afeto, refletida no medo de homens na família durante a infância.

Na busca por responder tal indagação, a questão é que todo esse movimento e, mesmo, entendimento, é o que nos permite perceber questões fundamentais do nosso tempo, como a força histórica do patriarcado, do papel do homem na família e na criação dos filhos e que chega à escola, permeando identidades docentes. O patriarcado, como sistema estruturador de relações sociais, está presente na sociedade de forma multifacetada e a escola não foge a isso. Tal sistema modela relações de gênero que ocorrem entre homem e mulher, e os enquadra em seus devidos papéis. Assim, torna-se evidente a importância da discussão na formação docente, visto que futuros professores passam por

¹ Complexo de Édipo é uma fase do desenvolvimento psicosssexual da criança do sexo masculino, que se caracteriza quando esta começa a sentir uma forte atração pela figura materna e se rivaliza com a figura paterna.

esse processo durante sua vida e trazem consigo bagagens que serão refletidas no seu papel como educador.

Buscando identificar o patriarcado para além da dominação do homem sobre a mulher, mostrando como essa organização atravessa a construção da instituição familiar, reforçamos que o modelo estrutural da família heteronormativa interfere na constituição da família, pois denomina os “papéis” de cada indivíduo masculino e feminino, atribuindo suas devidas funções e responsabilidades dentro desta organização. A questão é que, historicamente, o papel do pai, da mãe e dos filhos foi deslocado e sofreu mudanças para atender demandas econômicas. Nesse sentido, nos remetemos ao século XVI, XVII e XVIII. Assim é.

Difícil, portanto, admitir que os pais eram atingidos, investidos pelo desejo incestuoso de seus filhos, ao passo que já fazia cem anos que eles eram tranquilizados. [Quanto ao fato de que] a sexualidade de seus filhos era inteiramente localizada, bloqueada, trancafiada no interior desse autoerotismo. Mas, por outro lado, pode-se dizer que toda cruzada anti-masturbação, no interior da qual vai se inscrever esse novo medo do incesto, tornou até certo ponto fácil a aceitação pelos pais desse tema: que seus filhos os desejassem, e os desejassem incestuosamente (FOUCAULT, 2002, p. 338).

A partir deste entendimento dinâmico e histórico, que aproxima a construção da família à realidade, o materialismo histórico-dialético torna-se ferramenta importante, porque permite compreender a família inserida em um processo contraditório e mutável, que sofre influências do contexto social em que se insere, por fatores econômicos, culturais e políticos da sociedade capitalista. Logo, o recorte “*Meu irmão tinha 15 anos e entrou no mundo das drogas, e minha irmã de 17 anos engravidou.*” Poderia ser entendido como consequência da vulnerabilidade econômica e protetiva de uma figura masculina que se tornou ausente.

Desse modo, o fragmento a seguir nos balizará no discutir essa figura que pode ser ausente ou presente e seu papel positivo ou negativo. Em contraste com o recorte inicial, notemos nesse segundo recorte que a figura paterna pode ser percebida como positiva no que tange aos traços inicialmente considerados.

Meu pai cresceu com uma figura paterna excepcional, meu avô. Formado pela ideia patriarcal de que o homem é o provedor do lar, mas de forma antagônica ao patriarcado, era uma figura extremamente amorosa. E dessa mesma forma, meu pai

5

me criou. Não consigo pensar em um momento na minha vida em que meu pai não esteve presente, foi ele que me ensinou a andar de bicicleta, me levou para a escola pela primeira vez, me ensinou sobre a ter fé, me levou para a faculdade e cuidou de mim em cada momento. Eu vi meu pai trabalhar em três empregos para dar o melhor para nossa família, vi ele tratar minha mãe com respeito e se dedicar a esse "papal" de pai. Mas, os momentos mais marcantes com ele são os simples, as conversas durante o jantar, as músicas compartilhadas no carro durante as viagens, a segurança em saber que ele vai estar ali independente de qualquer coisa e ver nele a preocupação com o meu bem-estar. Em um mundo machista e com uma sociedade patriarcal, ter um pai, que é homem, te incentivando a conquistar tudo o que almeja é raro, um pai que vibra com cada conquista sua, seja passar em uma prova, tirar a tão sonhada carteira de motorista, mudar sozinha de cidade para realizar um sonho. Esse é o meu pai, ele sempre vai ser meu herói, porque ele me criou com respeito e amor, e isso é a melhor memória que vou ter dele. (Participante 2)

O patriarcado, enquanto sistema universal, ainda está vigente na atualidade e caracteriza-se de diversas formas, inclusive na organização familiar. O recorte “*Formado pela ideia patriarcal de que o homem é o provedor do lar, mas de forma antagônica ao patriarcado, era uma figura extremamente amorosa*”, nos desperta a perceber que esse lugar pode ser flexível e manter-se em parte ao que é repassado. Portanto, não define o poder e papel do pai, mas sim o poder dos homens, ou do masculino, enquanto figura social.

Quando consideramos o recorte “*Não consigo pensar em um momento na minha vida em que meu pai não esteve presente, foi ele que me ensinou a andar de bicicleta, me levou para a escola pela primeira vez, me ensinou sobre a ter fé, me levou para a faculdade, e cuidou de mim em cada momento. Eu vi meu pai trabalhar em três empregos para dar o melhor para nossa família, vi ele tratar minha mãe com respeito e se dedicar a esse "papal" de pai*”. Tais afirmativas nos permitem perceber o quanto essa identidade do masculino, vida do patriarcado, tem sido repensada e Connell; Messerschmidt (2003) subsidia nisso. Até porque, ao mesmo tempo em que cumpre seu papel na estrutura familiar, ela também pode ser uma identidade mais amena e colaborar para uma sociedade cujos papéis de gênero possam ser nem sempre conflituosos.

Também no fragmento “*Mas, os momentos mais marcantes com ele são os simples, as conversas durante o jantar, as músicas compartilhadas no carro durante as viagens, a segurança em saber que ele vai estar ali independente de qualquer coisa e ver nele a preocupação com o meu bem-estar*. Há aí a figura patriarcal adornada por uma sensibilidade e flexibilidade, que pode estar no centro

da família de nosso tempo e tem chegado à escola em forma de alunos e de professores. Desse modo, faz-se necessário uma incursão na origem do conceito de patriarcado, que assim como a família, é uma construção histórica e cultural, inventada socialmente.

Ao analisar a origem do patriarcado, constatamos que ela é polêmica, devido às suas raízes serem muito antigas, moldando as sociedades primitivas. Saffioti (1987, p. 60) afirma que "historicamente, o patriarcado é o mais antigo sistema de dominação-exploração". Ou seja, a afirmação da dominação masculina perpétua os registros históricos, cabendo apenas teorias para sua origem de fato. No entanto, o patriarcado é um componente da sociedade que se atualiza a partir das transformações sociais e, por estar tão enraizado culturalmente, a tendência é naturalizá-lo (FOUCAULT, 2007), dando espaço a assuntos como racismo, capitalismo, feminismo.

De parte, Foucault (2007) nos permite postular a típica família tradicional que vem a partir do desenvolvimento do capitalismo e faz-se o modelo hegemônico na Europa Ocidental, baseada pelos referenciais culturais europeus, cuja finalidade é sustentar um modo produtivo através da manutenção e reprodução da força de trabalho.

A estrutura familiar é fundamental para conceituar o patriarcado. Ao analisar os significados, entende-se que o vocábulo "patriarca" significa "chefe de família". Por conseguinte, o sistema patriarcal se institui como forma de organização social da família, quando o sujeito masculino, expressado na figura paterna, exerce autoridade dominante não somente diante dos filhos, mas perante os demais membros, incluindo, predominantemente, a esposa (LOURO, 2008).

A autora aponta que a família tradicional monogâmica, heteronormativa e patriarcal é um espaço de controle social, exercido principalmente através do controle dos corpos, com um privilégio hierárquico do homem sobre a mulher. Até que ponto a escola replica esse modelo? De forma perceptível, a desigualdade entre os gêneros, que se torna natural aos olhos da sociedade, se dá por estar penetrada na construção social. Para Saffioti (1987), confirmado em Foucault (2007), a natureza humana elabora de forma própria fenômenos socialmente ditos como naturais, e por essa razão é extremamente difícil, senão impossível, desvincular a natureza daquilo em que ela foi transformada pelos processos socioculturais.

O maior perigo da naturalização deste sistema é quando ele se transforma em algo totalmente invisível, é esse movimento que permite sua permeabilidade em todos os níveis de relações sociais, chegando à escola e se perpetuando. Em sua obra, Foucault (2007) afirma que:

Uma sociedade normalizadora é o efeito histórico de uma tecnologia de poder centrada na vida. Por referência às sociedades que conhecemos até o século XVIII, nós entramos em uma fase de regressão jurídica; as Constituições escritas no mundo inteiro a partir da Revolução Francesa, os Códigos redigidos e reformados, toda uma atividade legislativa permanente e ruidosa não devem iludir-nos: são formas que tomam aceitável um poder essencialmente normalizador. (FOUCAULT, 2007, p.135)

Sobre tal ótica, pode-se compreender como o sexo tornou-se foco de disputa política, e como o sistema patriarcal é fundamental para a docilização do controle político sobre o corpo feminino, e tal fato perpetua de forma invisível e normalizada por toda a sociedade. Nessa perspectiva, Saffioti afirma que,

A identidade social da mulher, assim como a do homem, é constituída através da atribuição de distintos papéis, que a sociedade espera ver cumpridos pelas diferentes categorias de sexo. A sociedade delimita, com bastante precisão, os campos em que *pode* operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que *pode* atuar o homem. (SAFFIOTI, 1987, p. 8)

Ademais, ao adentrar o campo dos estudos feministas entrelaçados ao sistema patriarcal, utiliza-se do patriarcalismo para discorrer o papel ao qual a mulher foi condicionada pela dominação masculina baseada na construção de uma sociedade patriarcal.

É a partir desse tipo de domínio que as mulheres têm sido, ao longo da história, desvalorizadas e estereotipadas como submissas, incapazes, fracas, colocadas como objetos que servem de mercadoria e barganha, úteis apenas para reprodução e afazeres do lar, corpos dóceis, como salienta Foucault (2007). O sistema patriarcal, enraizado na estrutura social e as suas relações de poder presentes entre os papéis sociais femininos e masculinos são muito discrepantes e perpetuadas, desmerecendo, inclusive, seu papel social e sua valorização como força na educação (LOURO, 2008).

Na família, as funções da mulher reduziam-se ao interior, aos cuidados com o marido, filhos e com o lar, historicamente colocadas como sem voz nas decisões de seus próprios grupos familiares e

sem influência nas suas manifestações sociais, divergentes do papel do homem. Vivendo em dependência dos filhos menores e afazeres domésticos. Tal cenário foi instaurado por muito tempo na sociedade. Para Santos et al. (2018), trata-se de uma expressão de poder em que a mulher é submissa não apenas ao homem como à família, já que era dependente para ter sustento ou como mão de obra barata na educação.

CONCLUSÃO

Portanto, afirma-se que o patriarcado é um sistema social onde predomina a dominação masculina, especialmente na família, mas que se estende a outras esferas sociais, como a escola. Esse sistema historicamente confinou as mulheres a espaços limitados e funções estereotipadas, como a docilização de corpos na educação, um papel para o qual foram treinadas desde a infância no ambiente familiar. Devido a isso, as mulheres foram excluídas das decisões importantes e suas vozes foram negligenciadas, embora isso esteja sendo questionado atualmente. Compreender esse contexto histórico é essencial para dismantlar as estruturas que perpetuam a desigualdade de gênero. Além disso, reconhece-se o papel crucial do pai na desmistificação desses papéis. Assim, ao examinar os papéis de homens e mulheres na família e na educação sob a ótica do patriarcado, observa-se a influência dos sexos na definição dos papéis sociais. Descrever o papel do pai como figura de referência e poder na família permite perceber sua influência na formação da identidade dos filhos e futuros educadores.

REFERÊNCIAS

BRITO, A. E. Narrativa escrita na interface com a pesquisa e a formação de professores: In: MORAES, D. Z.; LUGLI, R. S. G. O. (Org.). Docência, pesquisa e aprendizagem: (auto) biografias como espaços de formação/investigação. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

BUTLER, Judith. Fundações contingentes: feminismo e a questão do 'pós-modernismo'. In: BENHABIB; BUTLER; CORNELL e FRASER. Debates feministas – um intercâmbio filosófico. Tradução de Fernanda Veríssimo. São Paulo: Unesp, 2018a.

CASTEJON, M. Processos de subjetivação no discurso religioso de matriz africana em textos de Jorge Amado. UFSCar – tese de Doutorado – Programa de Pós-graduação em Educação, 2023.

CONNELL, R. & MESSERSCHMIDT. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. Estudos Feministas, Florianópolis, 21(1): 424, janeiro-abril/2013.

ELLIS, C. The Ethnographic I: A Methodological Novel About Autoethnography. Walnut Creek: AltaMira Press, 2004.

FREUD, S. (1915). O Inconsciente. In: FREUD, S. Escritos sobre a psicologia do inconsciente. v. 2. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p. 13-74.

FISCHER, R. M. B. Por uma escuta da Arte: ensaio sobre poéticas possíveis na pesquisa. Rev. Bras. Estud. Presença. Vol.11, nº 1, Porto Alegre, 2021.

FOUCAULT, M. Os anormais. São Paulo: Martins e Fontes, 2002.

FOUCAULT, M. História da sexualidade, volume I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal. 2007.

FOUCAULT, M. A ordem do discurso. São Paulo: Loyola. 2011.

LOURO, G. L. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes. 2008.

NARVAZ, Martha G.; KOLLER, Sílvia H. Famílias e Patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. Psicologia & Sociedade, Porto Alegre, v. 18, n.1, jan./abr. 2006.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. O Poder do Macho. Coleção Polêmica, São Paulo: Ed. Moderna, 1987.

SANTOS, W. B.; SANT'ANNA, T. F.; DIAS, W. F.; FALEIRO, W. O masculino e o feminino na escola: as contradições da norma e da forma discursivamente imposta. Uberlândia: Navegando Publicações, 2018.

SANTOS, W. B.; MOTA, M. C. C.; CASTEJON, M.; OLIVEIRA, A. D. **Mulher encarcerada**: a dor inerente à condição feminina. Uberlândia: Editora Intermeios, 2023.

PERRENOUD, P. Práticas pedagógicas, profissões docentes e formação: perspectivas sociológicas. Lisboa: Dom Quixote, 1993. PIMENTA, S. G. (Org.). Saberes pedagógicos e atividade docente. São Paulo: Cortes, 1999.

SHULMAN, Lee. (1986) "Those Who Understand: Knowledge Growth in teaching". In: Educational Researcher, Washington, AERA, p. 4-14.

TARDIF, Maurice. (2002) Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis, Editora Vozes.